

### Espelha também espalha: as ruas e as biotecnologias: paralelas que se cruzam nas artes

Torrezan, Gustavo Henrique

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

#### Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Torrezan, G. H. (2008). Espelha também espalha: as ruas e as biotecnologias: paralelas que se cruzam nas artes. *ETD - Educação Temática Digital*, 9(esp.), 302-307. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-72981>

#### Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer Free Digital Peer Publishing Licence zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den DiPP-Lizenzen finden Sie hier:

<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

#### Terms of use:

This document is made available under a Free Digital Peer Publishing Licence. For more information see:

<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

**ESPELHA TAMBÉM ESPALHA: AS RUAS E AS BIOTECNOLOGIAS: PARALELAS QUE SE CRUZAM NAS ARTES**

**POLISH AND ALSO SPREAD: THE STREETS AND THE BIOTECNOLOGIES: PARALLELS WHICH INTERCROSS IN THE ARTS**

**Gustavo Torrezan**

Essas palavras trazem à luz as discussões da cidade, da rua, como um campo de atuação e experimentação, que interfere e sofre interferência pelas relações das pessoas, na construção de identidades e como potência de atuação e pesquisa em temas que se apresentam e fazem parte do nosso cotidiano. Apresenta duas ações realizadas em praças públicas: “Doce Caminho” intervenção urbana integrante do 37º Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba e “Realejo das Imagens” que faz parte das atividades do projeto temático “Biotecnologias de rua<sup>1</sup>”, projeto de pesquisa, ação e intervenção que articula divulgação da ciência diferentes linguagens, espaços, abordagens temáticas e relações com o público como foco da pesquisa a partir do tema biotecnologias. O projeto aposta no poder das imagens dos vídeos/registros, deixando muitas vezes que ela “fale sozinha”, tendo este texto apenas como um aparato contextual. Essas linhas arriscam a fazer associações entre esses dois trabalhos em favor de discutir a utilização da arte como meio para percepção pública que valoriza a subjetividade e trás à tona narrativas e camadas muitas vezes anuladas.

A arte, no século XX, se expandiu de forma nunca antes vista, em especial a escultura, que saiu do pedestal indo para o chão, iniciando o diálogo com o ambiente, de modo a não ser mais um objeto no espaço, mas a construção tridimensional de um discurso. Nesse contexto ocorreu o que chamamos de expansão do campo das artes<sup>2</sup>. Entre as pesquisas na expansão do campo das artes, dá-se destaque ao questionamento do espaço do museu<sup>3</sup>, que

<sup>1</sup> Projeto financiado pelo CNPq No. Processo 553572/2006-7, edital MCT/CNPq n°. 12/2006 de Difusão e Popularização da C&T, coordenado pelo Prof. Dr. Carlos Vogt.

<sup>2</sup> Kraus, Rosalind E. *Caminhos da Escultura Moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

<sup>3</sup> Um dos exemplos de questionamento do museu e expansão do campo das artes para a rua foi a intervenção do grupo “3nós3” formado por Hudnilson Jr, Mario Ramiro e Rafael França com o propósito de formar uma ação conjunta focada no espaço urbano ao realizar uma ação que fecha com fita adesiva galerias do centro de São Paulo e cola um cartaz com os dizeres: “O que está dentro fica, o que está fora se expande”.

trouxe a cidade como meio a ser utilizada, ou seja, como campo de atuação, experimentação e exibição de trabalhos.

Na arte contemporânea, a influência da vida<sup>4</sup> e suas relações está entre suas maiores vertentes, emerge assim relações e afectos que compõem tangentes ou melhor, relações de tencionam e enfocam nossos processos de subjetivação e de experienciar o mundo. À aproximação da arte, a vida contribui também para que a arte possa vir a ser experimentada/utilizada como meio para diálogo, convidando o espectador, esse que passa, a interagir com o trabalho. O trabalho artístico, agora pode ser pensado para tornar-se justamente o estopim ou propulsor de um diálogo mais como a memória, o caminhar ou o experienciar a cidade, como acontece em “Doce caminho”.

“Doce caminho” foi uma intervenção urbana criada para a Praça José Bonifácio em Piracicaba-SP. Consistiu na construção de um caminho de cerca de 500 metros com mais de 29.000 balas de sabor abacaxi. O trabalho foi construído durante toda uma noite para “recepcionar” os transeuntes daquele local que pela manhã lá passaram. As pessoas que pela praça transitaram poderiam intervir com o trabalho da maneira que lhes ocorresse.

O modo de intervir com o caminho é o foco de interesse de ação e registro do [vídeo](#)<sup>5</sup> que apresenta desde a não percepção do caminho até o recolhimento de centenas de balas. A estesia<sup>6</sup> de descobrir um caminho de doces remete, muitas vezes, à fábula João e Maria – duas crianças alteram/esquecem seu caminho quando atraídas por um caminho de doces feito como armadilha por uma bruxa. Em “Doce Caminho” o estímulo vem, ao contrário da fábula, como proposição para questionar o caminhar rotineiro pela praça.

A praça, entre outros espaços como metrô, estações de trens e ônibus, é segundo as proposições de Marc Augé<sup>7</sup>, um não lugar por se caracterizar como um espaço de passagem entre outros dois distintos, sem identidade, ou melhor, onde a identidade daquele que o transita se sobressai de maneira a servir de campo de experimentação e pesquisa. As proposições de Ougè podem ser vistas na intervenção ocorrida na praça, que dialoga com a

<sup>4</sup> Um dos principais artistas para essa expansão foi Joseph Beuys criador do conceito de escultura social ao propor ligar a arte à vida. Os trabalhos de Beuys tangenciavam sempre uma história, de um piloto de avião que durante a guerra caiu em uma área muito fria e foi socorrido/tratado com feltro e gordura pelos habitantes daquele lugar. O legado de Beuys gera maior reverberação da arte da atualidade no que se refere a indicação de conexão arte-vida.

<sup>5</sup> [http://www.youtube.com/watch?v=BBAA0v\\_Go1k](http://www.youtube.com/watch?v=BBAA0v_Go1k)

<sup>6</sup> O termo estesia, criado por Duarte Jr. (2001) busca integrar experiência estética e prazer.

intervenção que se interessa em questionamentos como: Quais “*percepções são produzidas por essas pessoas quando se deparam com um objeto, uma instalação, uma informação no meio do seu caminho de passagem na cidade?*”<sup>8</sup>

Neste trabalho são tencionados a memória e o questionamento; após percebido o “doce caminho”, quais são os valores que vão imperar e sobressair e culminarão na ação do participante? Valores esses que podem remeter, por exemplo, a ensinamentos da infância como o de não pegar nada do chão, principalmente se esse chão for sujo – como é em toda praça – ou da possibilidade fácil de lucrar recolhendo enorme quantidade de balas, ou ainda, tornar o caminho mais agradável ao degustar uma bala. Por outro lado relações do próprio espaço estão inseridas no trabalho e nas subjetivações que apareciam, devido principalmente à proximidade com a Catedral Católica da cidade, remetendo muitos dos discursos ou associações feitas à celebração, mesmo que em data errada, do dia de São Cosme e Damião, e a tradição de entregar balas às crianças ou a construção de tapetes tradicionais para algumas procissões católicas. Assim, o simples colocar balas no chão da praça apresenta-se como uma “armadilha” para poder se contaminar pelo outro, seja esse outro os valores sociais, o passado, a memória, gerando aproximações e tensões que expõem a liberdade e o risco de ter suas próprias referências abaladas.

Já o projeto “Biotecnologias de Rua” acredita/investe em tipos de trabalho que por princípio só se realizam se aceita a contaminação recíproca entre dois mundos (biotecnologia e rua) e tudo o que os permeia, crendo que as tensões que se apresentam são propulsoras do encontro que, segundo Rolnik (2003): “se constrói a partir dos conflitos e estranhamentos e não de sua negação humanista” (p. 6) tendo como palco a rua como realização desse espaço repleto de objetos tanto imateriais quanto materiais que existem a partir de práticas discursivas e significações. Localiza-se a ciência como uma mescla, um produto – híbrido – da cultura. Nesse sentido apresenta-se como uma das principais questões do projeto “*o que poderia significar uma ciência e tecnologia na rua, que não se restrinja a reconhecê-las como parte do cotidiano?*”<sup>9</sup>.

<sup>7</sup> Augé, Marc. *Não Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

<sup>8</sup> Vogt, C. et al. *Biotecnologias de Rua*. VII Congresso Iberoamericano de Indicadores de Ciência e Tecnologia. Red Iberoamericana de Indicadores de Ciencias y Tecnologías (RICYT), Fapesp, 2007.

<sup>9</sup> *Ibidem*.

Entre as ações do projeto “Biotecnologias de rua” está o “Realejo das imagens”, uma ação realizada em praças da região central de Campinas que reuniu diversas linguagens no intuito de divulgar e receber informações a partir do tema biotecnologias. Personagens típicos de grandes centros urbanos (homens placa que oferecem a venda e a compra de ouro), mesclados com outros do interior/passado (realejo que toca uma música para atrair pessoas para tirar a sorte através de um papagaio) foram utilizados para a construção de outros personagens, híbridos, que atraíam os caminhantes. Segurando uma gaiola que ao invés de pássaro possui uma câmera de vídeo, oferecem imagem dos mais diferentes tipos e possibilidades e que foram escolhidas pelos pesquisadores do projeto por possuírem de alguma maneira uma associação direta com o tema biotecnologias.

Imagens de DNA, anjos, símbolo de transgênicos, Frankenstein, ovelhas, seres monstruosos, esquemas de corpo humano, plantações, laboratórios estão entre as múltiplas possibilidades que os passantes da praça poderiam retirar e levar para casa. Muitas das pessoas que interagem com a ação se estimularam a falar – apesar de que o silêncio, o vazio, é considerado também uma resposta pelos pesquisadores – surgindo discursos que se encharcam de subjetivações e aproximam ou distanciam das referências prévias das imagens.

- “Eu quero essa. Essa sou eu. Cheiiiiiaa de filhos” (após a escolha da imagem do trabalho “We are family”- um ser com vários seios, amamentando “filhinhos” - de Patricia Piccinini); - “Escolhi porque é uma coisa que ficará tão rara em nossa vida daqui a alguns anos. Não vamos ter água” (após a escolha da imagem de várias frutas); - “Eu gostei da imagem porque é o começo da vida né, o começo da vida então é isso” (após a escolha da imagem de fotografia microscópica de células embrionárias); - “Eu escolhi porque ela transmite porque acho que ela transmite um pouquinho de paz, acho que é o que estamos precisando” (após a escolha da imagem de um DNA complexo); - “Escolhi porque gosto dos animais” (após a escolha de uma imagem de uma capa de revista que continha os dizeres “clone de cachorro”); - “É ... eu tenho vários problemas de coluna ... essas coisas ... e ... e eu gosto muito de estudar o corpo humano.” (após a escolha de uma imagem/esquema de células tronco embrionárias e de um corpo humano) <sup>10</sup>

Falas como essas trazem indagações, reflexões e questionamentos para os pesquisadores do projeto por apontar a multiplicidade de discursos e sentidos aflorados através de processos que, em uma primeira instância, tem a capacidade de deixar afetar o pensamento pelas forças (valores) do nosso tempo provocando um devir contínuo de identidades onde nos reconhecemos ou somos reconhecidos.

<sup>10</sup> Diálogos retirados dos registros da ação “Realejo das Imagens”

Um vídeo foi construído a partir do registro fotográfico da [ação/intervenção](#)<sup>11</sup> com um intuito de narrar as sobreposições de camadas que aconteciam juntamente com apagamentos de referenciais ou associações prévias nas imagens.

As várias associações construídas em uma mesma imagem mostram seu poder de subjetivação, ou seja, de trazer a tona associações diversas que são contaminadas pelas referências daquilo que foi vivido, juntamente associada a memória coletiva – valores que ao longo do tempo passaram, culturalmente, a permear a subjetivação das pessoas. Essa subjetivação cria uma rede, um tecido de sentidos emergidos da subjetividade. Assim, a ação “realejo das imagens” cria canais subjetivos para a liberdade, percepção, criação, imaginação, ajudando a exercer a liberdade, podendo construir tramas singulares de sentido, através da sensibilidade, através de uma ponte entre a sensibilidade e o dizível (ROLNIK, 2006). Mostra-se, assim, que o pensamento produz sentido que, emergido da subjetividade, traz consigo, sempre está contaminado por referenciais culturais das mais diversas.

No projeto “Biotecnologias de rua”, “a possibilidade de pensar uma relação de permeabilidade entre as fronteiras da sociedade e da ciência, por práticas culturais, por exemplo, associada à divulgação científica, organiza um plano de pensamento potente de trabalho com a idéia de passagem, fluxo, interconexões, e sobreposições – qualidades contida nas ruas dependendo das perspectivas com que as percebemos” (VOGT, 2007. p. 02), ressaltando o valor da associação, potencialidade, em refletir sobre as biotecnologias através das artes.

Está na intensidade desses encontros a aposta das duas intervenções que valorizam a rua como espaço para produção de conhecimento científico atravessado pelo humano e na utilização da subjetividade como canal de acesso às multiplicidade.

## **REFERÊNCIAS**

COSTA, H. **Sem medo da vertigem Rafael França**. São Paulo: Paço das Artes, 1997.

CRIMP, D. **Sobre as ruínas do museu**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DUARTE JR., J. F. **O sentido dos sentidos: a educação do sensível**. Curitiba: Criar, 2001.

<sup>11</sup> <http://br.youtube.com/watch?v=y0xiaNT80sQ>

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Revista Educação e Realidade**, v. 22, n. 2. 1997.

\_\_\_\_\_. **Identidade cultural**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1998.

O'DOHERTY, B. **No interior do cubo branco**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

OUGÉ, M. **Não lugares**: introdução a antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

\_\_\_\_\_. **Posiblemente hablemos de lo mismo**, catálogo da exposição da obra de Mauricio Dias e Walter Riedweg. Barcelona: MacBa, Museu d'Art Contemporani de Barcelona, 2003. Disponível em: [www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm](http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm)

\_\_\_\_\_. **Núcleo histórico**: antropofagia e histórias de canibalismos. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1998; p. 456-467. Disponível em: [www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm](http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm)

VOGT, C. Et. Al. **Bioteχνologias de rua**. VII Congresso Iberoamericano de Indicadores de Ciência e Tecnologia. Red Iberoamericana de Indicadores de Ciencias y Tecnologías (RICYT), Fapesp, 2007. Disponível em: [http://www.ricyt.org/docs/VII\\_Congresso/DIA\\_23/SALA\\_A/17\\_00/Bioteχνologia\\_Completo.pdf](http://www.ricyt.org/docs/VII_Congresso/DIA_23/SALA_A/17_00/Bioteχνologia_Completo.pdf)

**GUSTAVO HENRIQUE TORREZAN**

Graduado em Artes Visuais pela Unicamp. Realiza trabalhos de intervenção urbana e artes visuais desde 2005. Atua como colaborador no projeto temático "Bioteχνologias de rua" e participa do grupo de estudos "Humor Aquoso". Telefone: (19) 9205-3126. E-mail: [ghtorrezan@hotmail.com](mailto:ghtorrezan@hotmail.com)

Recebido em 10/03/2008  
Publicado em: 20/10/2008